

E POR FALAR EM DELFIM

Como fica o ex-ministro na Nova República?

Plantado em sua base física a partir de um escritório-fantasma de consultoria empresarial em São Paulo — de onde articula sua candidatura a deputado federal, pelo PTB ou PDS —, o ex-ministro Delfim Neto, depois de 17 anos no poder, continua mais próximo do que nunca de Brasília. Por obra e graça do genro do presidente da República, Jorge Murad, Delfim recebe de bom grado o convite a dois Delfim's Boys — Luís Paulo Rosemberg e Ibrahim Eris — para compor o quadro de assessores especiais de José Sarney.

Embora tenha prestado serviços de assessoria direta a Delfim Neto, Rosemberg, em seus contatos informais com a imprensa, manifestava opiniões diferentes das de seu chefe. Era contrário, por exemplo, ao achatamento salarial, terapia adotada pelo ex-ministro na tentativa de baixar o déficit público. Ex-professor da Universidade de Brasília (UNB), Rosemberg, para seus ex-alunos, enquadra-se no rótulo de Keynesiano Conservador, se confrontado com a adepta da mesma escola, Maria da Conceição Tavares, tida como keynesiana de esquerda.

Eris, sócio de Rosemberg numa empresa de consultoria, professor da USP e pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), faz a defesa ardorosa da queda das taxas de juros em paralelo ao corte do déficit público. Por coincidência ou não, se coloca co-

mo o mais novo aliado do ministro João Sayad, do Planejamento, nesse dilema que preocupa o governo.

Ibrahim Eris deixou impressionado o presidente Sarney no desenrolar dos calorosos debates que marcaram o encontro do dia 1º último na Granja do Torto. Em certo momento, Sarney dirigiu-se a Eris: "Conto com você", como de fato está contando agora.

Já na condição de auxiliar de Sarney, Eris não perdeu tempo ao jogar mais lenha na fogueira das desavenças teóricas e práticas entre os Ministérios da Fazenda e do Planejamento, a respeito das taxas de juros e do déficit público. Em longo artigo — "As Autoridades Monetárias Não Querem Correr Riscos", publicado no Jornal do Brasil do dia 13 último — Eris foi categórico ao se contrapor ao ministro Francisco Dornelles, quando escreveu: "Enfatize-se que a redução do déficit público não reduz automaticamente a taxa de juros. Mesmo depois de uma redução, o problema da dívida e do déficit públicos brasileiros continuaria grande e suficiente". Classificou, ainda, de artificial o atual patamar elevado de juros no overnight. Foi um recado não só a Dornelles como também ao Banco Central, este último defensor dos juros altos e contrário a qualquer medida artificial que vise baixá-los.

Embora estranho, existe no momento, uma ponte entre Delfim Neto e a chamada Nova República e, em particular, o ministro Sayad.



Mas seria arriscado afirmar que os dois economistas estariam apontando na cozinha do governo para reforçar as posições de Sayad, mesmo que o ministro, ao assumir o Planejamento, tenha aberto uma fresta à possível futura colaboração de Delfim. No discurso de posse, após dirigir ásperas críticas à política econômica passada, o novo ministro afirmou: "Ministro Delfim Neto, temos divergido ao longo destes anos em que convivemos, v.e.xa, no governo, eu na oposição. Mas, também, trabalhamos com os mesmos problemas nos últimos dois anos, período em que, como secretário da Fazenda do Estado de São Paulo, pude verificar, como v.e.xa., que questões práticas e dificuldades concretas exigem uma cooperação para além das divergências de idéias e teorias".

Walter Melo, A.E. Brasília